



# HORIZONTE

JORNAL DO BATALHÃO 2908

FEVEREIRO/MARÇO/ABRIL 1970

Responsabilidade do Comando B. C. 2908

Composto e impresso na  
Gráfica de Cara dos Rapazes  
Vianna do Castelo

N.º 2

## Mensagem

*É com o maior prazer — e, sensibilizado, o agradeço — que aproveito esta oportunidade para dirigir umas breves palavras aos valerosos soldados do Batalhão n.º 2908 que aqui acaba de chegar em cumprimento da sua alta missão de defesa da soberania nestas terras distantes de Sanga, pedaço de Portugal em Moçambique.*

*A hora que passa é de pesado sacrifício para todos nós.*

*Estas populações portuguesas que aqui viestes encontrar, agora concentradas em aldeamentos para melhor se acolherem à protecção da nossa Bandeira, e outras ainda igualmente portuguesas que, enganadas por uma propaganda aliciadora e mentirosa ou coagidas pelas ameaças de bandoleiros, ainda se mantêm refugiados no mato ou em terra estrangeira, há anos que vêm sofrendo os efeitos terríveis desta guerra traiçoeira. Por via dela e na precipitação do êxodo que caracterizou os primeiros meses do impacto provocado pela subversão, muitas famílias ficaram desmembradas: mães que perderam o contacto com os seus filhos; esposas que se separaram dos maridos. O sofrimento marca ainda a alma destas gentes que vivem ao nosso lado e a fome e miséria passaram a ser as companheiras de todos os dias dos que ainda não puderam voltar para junto de nós.*

*Também vós, soldados de Portugal, que viestes de terras portuguesas distantes, do Minho ou do Algarve, de Cabo Verde ou de outras regiões de Moçambique, aqui estais agora com os vossos corações retalhados de saudade por vossos pais ou irmãos, esposas ou noivas. Aqui estais sacrificando os melhores anos das vossas vidas, correndo perigos que a todo o momento vos espreitam, sofrendo as dificuldades do mato, os efeitos do isolamento, o abandono das vossas comodidades.*

*A hora é pois, repito, de sacrifício, mas também de exaltação, de fé e de confiança e haveis de saber ser dignos de a viver pois que, acima de tudo, estão os superiores interesses da Pátria que queremos ver continuada nesta Terra que os nossos maiores vos legaram. E depois do dever cumprido, haveis de vos sentir orgulhosos por vos ter sido dada a oportunidade de terdes oferecido este sacrifício à Nação, a este nosso Portugal eterno que, na Era Gálica, se derramou pelo mundo e hoje congrega, numa só unidade, povos de muitas etnias e de várias religiões.*

*Por este vosso sacrifício vos ficarão eternamente gratas as populações que em vós confiam e na Pátria reconhecida.*

*Bem hajam por terem vindo e que Deus vos acompanhe.*

Miranda, 17 de Março de 1970.

MANUEL DOS SANTOS LOPES

Administrador de Concelho

## DIÁLOGOS

### com o leitor

Caro amigo que me Jês, apesar de ser ainda criança, é a segunda vez que chego às tuas mãos. Quero que me tomes a sério. Eu — HORIZONTE me chamam — até já poeta sou e, verás, que com certa personalidade. Hoje, tudo pode vir... até mesmo um desgosto... que eu hei-de sorrir. Todos podem olhar-me com desdém... que nem por isso me hão-de dar qualquer tristeza também... às vezes, a pior forma de magoar é esquecer. Por isso, amigo leitor, peço-te que não me esqueças... que me alimentes com as tuas sugestões, as tuas poesias, os teus contos, a tua cultura, e até com as tuas anedotas, para que eu possa ser mais teu. São estes os horizontes do «HORIZONTE».

*Hoje tudo pode vir  
tudo até mesmo um desgosto,  
Que a tudo eu hei-de sorrir,  
Como o lvar ao florir,  
No cantiro do sol-posto.*

*Hoje não tenho ninguém,  
E todos podem olhar-me  
Com turvo olhar de desdém,  
Que nem por isso hão-de dar-me  
Qualquer tristeza também!*

*Hoje não sei bem se existe  
O Estilo ou a Literatura...  
Não tenho imagens em riste;  
Não sou alegre nem triste  
Sinto a poesia em ternura.*

NOTA DA REDACÇÃO



COM os olhos humedecidos por teimosas lágrimas, Manuel Ventura lançou uma carinhosa despedida às casinhas cinzentas da velha aldeia e à pobre gente que o vira nascer. A velha Mãe e os dois irmãos mais novos vieram acompanhá-lo às paragens da carreira. A despedida foi triste e ele teve de arranjar forças bastantes para resistir... Partiria, as ricas terras de França estavam à sua espera. Na fazenda do Sr. Lourenço, o tra-

ger ensurdecedor dos traços. Na gare da estação, lá estava o tal Senhor de aspecto distinto, que o tinha entusiasmado a deixar a aldeia e a tentar aquela aventura; Conheceram-na na Vila e sendo ele bom conhecedor da fronteira, num instante estariam em terra espanhola, depois tudo seria fácil.

Esperaram pela noite. Sorrateiramente transpuseram o pequeno riacho que separa os dois países, e caminharam até alta noite. Por fim, vencidos pelo sono, procuraram

## CONTO

Por JORGE ALEXANDRE — Furriel Miliciano

balho era muito e o dinheiro que recebia pelo seu suor, mal chegava para as parcas migas da família, e, além disso, não tinha ele tantos e bons exemplos? O Carlos da tia Micas em poucos anos, arranjara dinheiro suficiente para comprar uma bela casa, com um maravilhoso jardim florido e para montar uma venda na Vila. E o Vítor, do tio Lúcio, que mal sabia ler e no ano passado aparecera na aldeia, com um carrão que causou espanto a toda a gente. Não, aquela vida da aldeia, estava boa para as mulheres e para os velhos, mas para um homem como ele, não!

Durante o percurso, a camioneta cruzou estradas laçadas por pobres aldeias como a dele. Por fim deteve-se junto à estação do caminho de ferro que conduzia à fronteira. Agora, perante os olhos curiosos de Manuel, desfilavam as altas serranias, por entre as quais, o combóio serpenteava, sempre acompanhado pelo rio de límpidas águas, que ora «caminhava» suavemente, ora se lançava em loucos saltos, formando ao cair, turbilhões de alva espuma.

Depois de longa viagem, a velha locomotiva anunciou o termo da sua marcha, com estridentes apitos e com ran-

local abrigado para passar as poucas horas que restavam para o amanhecer. Um palheiro abandonado foi o sítio escolhido. O Manuel mal caiu na palha húmida, logo adormeceu. O dia tinha sido exaustivo e ele estava pouco habituado àquelas andanças. Mas ao acordar com o chilreio da passarada, viu que a seu lado, apenas se encontrava o sulco do corpo do companheiro, marcado na palha. Desesperado, procurou-o pelas redondezas e num sobressalto levou a mão ao bolso do casaco... a carteira com os oito contos que conseguira juntar para pagar o engajamento e para acudir aos primeiros dias da sua estadia em França, sumira-se.

Malandro! Não se contentou com os quatro contos do combinado! — E Manuel desalentado, ombros pendentes, lá foi seguindo por vales e montanhas, lamentando a sua pouca sorte, mas decidido a continuar. Foram dias bem amargos, mendigando de porta em porta a cêdea de pão e dormindo ao relento, até que por fim a fronteira ficou à vista. Manuel sentiu forças novas a impeli-lo. A dois passos estavam: o trabalho compensador e uma vida melhor para si e para os seus.

## PSICOLOGIA — Fonte de transformação da sociedade

Pelo Alferes Miliciano JOSÉ MARIA G. PEREIRA

O meio militar é um agrupamento transitório de homens das mais diversas proveniências onde se encontram todos os ramos da cultura, onde se professam todos os credos, onde se misturam todos os temperamentos e feitios, onde cada um revela os defeitos das suas virtudes e as virtudes dos seus defeitos. Por todas estas características o meio militar é difícil e ambivalente. Tanto pode levar ao heroísmo como à degradação da personalidade. Por ser transitório, pode levar ao desinteresse no ajustamento e integração. A psicologia social também chamada «dinâmica do grupo» pode contribuir e muito, para o bem-estar das pessoas. O que é necessário é acreditar e seguir os seus preceitos. Esta ciência começou a desenvolver-se após a segunda guerra mundial, embora já se desenhasse no horizonte das especulações filosóficas. Diante da catástrofe da guerra que destruiu comunidades e nações, logo se imaginou uma comunidade plenamente consciente de si mesma, em Paz e segurança, onde todos encontrassem razões para viver e desenvolver as suas qualidades espontâneas e criadoras e razões para morrer. Na mentalização psicológica das tropas empenhadas numa guerra a condição essencial é encontrar razões convincentes para viver, lutar e morrer, se tal for necessário.

A lua iluminava esplendorosamente a noite e Manuel era um alvo bem visível. O guarda gritou e atirou um tiro de intimidação, mas indiferente e ébrio pela emoção continuou em louca correria, e o segundo tiro prostrou-o por terra.

No solo de França, jaz mais um corpo que ela não viu nascer. Na terra natal distante, mais uma enxada encostada a uma árvore, ficou sem o afago daquelas mãos calejadas.

O fim primordial da psicologia social é criar o espírito de solidariedade dentro do meio social em que se vive a fim de explorar e canalizar para o trabalho ou para a luta toda a energia humana possível.

As leis da psicologia que visam tornar o meio ambiente mais agradável e sadio, alegre e vigoroso, são regras de ouro, que, bem exploradas, surtem os seus efeitos;

1.<sup>a</sup> — Procurar que o trabalho seja agradável e não apenas a conclusão de uma imposição.

2.<sup>a</sup> — Que cada um se sinta membro da comunidade social ou militar, e útil à mesma.

3.<sup>a</sup> — Cada homem gosta de ser tratado como pessoa e não como um objecto ou uma máquina.

Os princípios do sucesso estão lançados. Se não forem seguidos cada um isolar-se-á do seu semelhante e em vez de termos uma comunidade com «espírito de corpo» temos um corpo sem espírito de comunidade. Como é impossível construir barreiras físicas que nos defendam, construímos barreiras psíquicas para não deixar invadir a nossa vida privada.

*Distante vasis  
No deserto sem fim  
Da minha existência  
Ilha ignota  
Inacessível  
Num mar de gelo*

*Alegria  
Cometa que passa  
Que corta o negro  
Da minha alma  
E logo se perde  
Na escuridão da noite*

*Alegria  
Algo que vejo  
Que sinto em redor  
Da couraça impenetrável  
Da minha tristeza  
E nela se desfaz  
Sem me contaminar*

JORGE ALEXANDRE  
Furriel MIL.



## Cinema-Realidade ou ilusão?



Pelo Alf. Miliciano José Maria G. Pereira

A civilização é um poder capaz de fazer progredir a espécie humana na verdadeira linha do seu destino. Mas não estará o homem a realizar o mito de Prometeu, vítima da sua tudácia e dos seus êxitos, tornando-se incapaz de dominar as forças que desencadeou? Sim. Mas esta condição existencial tem, além de outras, a vantagem de permitir ao homem, em plena época técnica, realizar-se como espectador. Na qualidade de espectador, requer um espectáculo. Assim, ficamos abismados diante da beleza e maravilha dos espectáculos grandiosos da natureza. E precisamente desta relação entre a beleza do espectáculo e a capacidade receptiva do espectador que brota a emoção estética que tudo unge com o bálsamo das emoções afectivas. A beleza por si nada é se não existe quem a receba. No centro da relação — beleza — receptividade — está o homem. Deus cria a primeira tarde e a primeira manhã, todavia falta o homem que as contemplem. Maravilha sem beleza, pois só Deus está presente, como suprema beleza, sem capacidade de recepção. A criação abre com a luz. A luz abre o caminho à arte das mil e uma maravilhas, o cinema, que também é a arte da luz.

Mas, que vem a ser um espectáculo? Nesta corrida para uma definição não podemos esquecer a célebre cartá de Jean-Jacques Rousseau a M. D'Alembert. A seu amigo, que imprudentemente convidou os Genoveses a introduzirem o teatro na sua cidade, responde Jean-Jacques, com uma condenação sem apelo nem agravo do espectáculo. É claro que a não podemos aceitar na totalidade. No entanto, a sua profundidade não pode ser contestada. Ataca o problema no seu ponto nevralgico e atinge o essencial com rara felicidade. De maneira paradoxal afirma Rousseau que não há bons espectáculos. O teatro é feito só para agradar e não para instruir. Por seu lado, o público só quer espectáculos que favoreçam as suas tendências e não os que as moderam. Logo, o efeito geral do espectáculo é reforçar e aumentar as inclinações naturais e dar uma nova energia a todas as paixões.

Mas não poderá um autor despertar paixões novas e amores castos? Sim. Vários espectáculos apresentam-nos o objecto mais encantador, entre todos, o mais capaz de mover um coração sensível, uma mulher amável e virtuosa. Mas onde se encontra este objecto celeste? E bem cruel contemplá-lo com tanto prazer no teatro ou no cinema e encontrá-lo tão diferente e deformado no seio da sociedade. Logo, o melhor espectáculo é o indiferente. Mas, pelo facto mesmo de ser indiferente, não será ele condenável? Será assim tão premente a necessidade de aplicar o cortejo ao espectáculo como se não estivesse satisfeito dentro de nós? A alguém que exaltava as magnificências do circo de Roma e dos jogos olímpicos, responde Rousseau: Não têm os romanos mulheres, nem filhos? Julgamos reunir-nos e é lá, precisamente, que cada um se isola, que cada um esquece os seus amigos e o seu próximo, os seus deveres para se interessar só com fábulas, para chorar as desgraças dos mortos ou rir à custa dos vivos. Os espectáculos são bons se o povo está corrompido e mau se o povo é bom. Numa grande cidade cuja gente vive sem religião e sem princípios cuja imaginação depravada pela ociosidade, fanatismo e amor do prazer não gera senão monstros e não inspira senão preversidades e crimes requintados, é salutar multiplicarem-se os espectáculos.

O espectáculo arranca o homem à sua verdadeira condição para o projectar para o mundo da ilusão. Mas o mal não se situa neste plano, senão na satisfação ilusória que dá às exigências mais essenciais do homem. O espectáculo refoma o real sem o qual não interessaria a ninguém. E o seu maior malefício é transformar insensivelmente o real em pura ficção. Então o homem honesto julga viver quando não faz senão rever e o jovem sem experiência procura fazer na vida real o que só se pode realizar em espectáculo. Esta confusão do imaginário com o real é que é fonte de depravação.

Será isto negar todo o espec

táculo? Muito pelo contrário. Os melhores espectáculos são os que nada mostram, mas fazem dos espectadores — actores, dados em espectáculo uns aos outros. O espectáculo é honesto se permite a cada um ver-se e amar-se nos outros a fim de que todos sejam felizes. O homem tem necessidade de alegria «não lhe basta ganhar o seu pão: precisa, sobretudo, de o comer com alegria, doutra forma, não o ganhará por longo tempo». Os momentos assim perdidos fazem render mais, todos os outros.

O espectáculo assim compreendido não dissolve a realidade é apenas uma suspensão da história da vida real a fim de renovar e revigorar o homem, para, de novo, o restituir à realidade.

Na vida quotidiana o homem não vê as coisas, vive-as imediatamente. Já não há o sujeito que vê e uma coisa que é vista, mas a totalidade. Esta identificação com as coisas apoece no seio da vida corrente como uma possibilidade latente e não como uma realidade plena. Basta que esta possibilidade seja vivida a título de possibilidade para que o homem seja tentado a realizá-la plenamente. O espectáculo vem precisamente sanar esta tentação, mantendo as coisas à distância e permitindo-nos vê-las aparecer de novo, numa forma de experiência nova. Então o espectáculo, como nota Paul Ricoeur, torna-se o olho avançado da humanidade em marcha para mais lucidez e maturidade. Porque opera uma disjunção entre o mundo tal como é visto e como pode vir a ser visto, a arte tem uma função permanente de escândalo. O artista rasga a imagem convencional que os bem-pensantes tentam dar de si mesmos e do mundo e, assim, será sempre acusado de perverter o homem. Impedindo-nos uma visão nada habitual do mundo, o espectáculo leva-nos a ver o que jamais por nós, veríamos. Não nos introduz noutra mundo, mas numa significação nova deste mundo que é o nosso e do artista.

Por mais paradoxal que pareça, o cinema, não só realiza a perfeição do espectáculo, como ultrapassa mesmo, os seus limites estreitos. Como diz, e muito bem, Jean Cocteau, o cinema é um sonho que o espectador sonha desperto. Nele, tudo é imagem e participação: o sonho substitui-se à vida real. Não admira, pois, que o encantamento continue mesmo depois de terminado o espectáculo e que o história mítica das vedetas relegue para o plano do irreal a história verdadeira da

vida quotidiana. Só assim se compreende a influência que a imagem exerce na sensibilidade do espectador. De tal maneira o domina que não deixa possibilidades à inteligência de pensar e impõe uma visão do mundo que dificilmente poderá controlar.

O homem criou sistemas de acção, que têm mais poder do que ele, e, cujos efeitos, não consegue dominar. Mais poder, porque impõem ao homem uma visão do mundo e das coisas que não pode ser dominada, uma vez que não é fruto da inteligência, mas da sensibilidade. A razão técnica domina a imagem enquanto a produz. Por sua vez a imagem desliga-se da sua origem e torna-se um ser autónomo que acaba por transformar a existência humana.

O cinema é, pois, uma máquina de extraordinária potência. Como diz Bresson não é um meio de reprodução mas de expressão. O cinema fala aos olhos, porque as suas palavras são imagens. Os sentidos, elementos básicos para a captação das formas artísticas, são mero veículo, o meio de comunicação cujo destino é a inteligência e a sensibilidade. Se tento despertar só um dos instintos, degrada-se.

Toda a arte em cinema opera num plano duplamente espiritual: não só falta ao homem e ao seu espírito como também fala do homem e da sua inteligência, o que pressupõe a sugestão das realidades espirituais. O carácter específico do cinema deriva do facto de estas realidades serem vistas através de imagens. O seu fim não é tanto mostrar mas sugerir como diz, Jean Gremillon, verdadeiro poeta do ecrã: o cinema deve procurar através as imagens e dos sons, o caminho que produz às regiões ignoradas dos seres e das coisas, não por dictandismo, mas para penetrar no seu mistério.

Nós vivemos no mundo construído de portas falsas, e, para nos fazerem acreditar que são verdadeiras, põem cartazes que dizem: É Proibida a Entrada, Alta Tensão, Perigo de Morte. Mas há também as portas verdadeiras: e, o verdadeiro coração das coisas e das pessoas está sempre por detrás de uma porta que é preciso abrir. Isto consegue-o o verdadeiro cinema que podemos definir, com Mendes Leal, como a difusão do pensamento pela imagem na qual o gesto, a palavra, o som, a cor e o relevo se integram para ajudar a expressão visual. Se há conceitos emocionais que só a palavra consegue transmitir também há emoções conceptuais que só o cinema nos consegue dar.

# O MUNDO EM NOTÍCIAS

Coordenações do Alf. Miliciano José Naria G. Pereira

## • *Constitui um apelo ao trabalho a canção vencedora do 20.º Festival de S. Remo*

San Remo (Itália) «Chi non lavora non fa l'amore» foi a canção vencedora do vigésimo festival da Canção de San Remo, com 344 votos.

Em segundo lugar, com 309 votos classificou-se «La prima Bella cosa» (A primeira coisa bela) e em terceiro lugar com 296 votos, classificou-se a canção «L'Arca di Noè» (Arca de Noé), escrita e interpretada por Sérgio Endrigo.

Quanto à canção vencedora, trata-se de uma réplica à vaga de greves do último Outono em Itália. Com efeito, a canção «Chi non lavora non fa l'amore» relembra esse período de agitação trabalhista, e foi cantada em duas versões diferentes: pelos favoritos «pop» italianos: Adriano Celentano e sua mulher, Claudia Mori.

No Poema existe uma parte que encantou a audiência. Trata-se do lamento de um marido que diz-me: «Quem não trabalha não faz amor».

## • *Londres, capital do aborto*

As consequências desastrosas, resultantes da entrada em vigor na Grã-Bretanha, em Abril de 1968, da lei que permite o aborto em determinadas circunstâncias, estão a provocar inquietação e até um certo alarme na opinião pública. O país sente-se envergonhado com o que se está a passar na sua capital.

Parece que ninguém esperava semelhante desfecho, aliás previsto por alguns, e sucede agora que mesmo aqueles que deram o seu voto à malfadada lei, são os primeiros a reconhecer que se foi longe de mais e que algo se tem que fazer para modificar ou até para revogar a lei simplesmente.

A situação é, de facto, alarmante. Centenas de raparigas estrangeiras, à razão de cinquenta por semana, procedentes sobretudo dos países escandinavos, chegam continuamente à capital britânica,

a fim de aí se libertarem de uma maternidade que as incomoda. Desde que a nova lei entrou em vigor, há pouco mais de um ano, o número de abortos legais foi de 41.596, dos quais 59,6% foram levados a efeito nos hospitais do National Health Service e 40,1% em clínicas particulares. Em 1966, último ano de que se possuem estatísticas, o número de abortos praticados nos hospitais do Governo foi de 6.380, donde se conclui que, neste capítulo, se registou um aumento de cerca de 400%.

Não há dados estatísticos fidedignos, mas mesmo que tenha havido exagero e que, antes da promulgação da lei do aborto fosse de 20.000, o aumento seria de 100%.

O mais chocante do caso é que 17.934 raparigas que se sujeitaram a operações, 862 não tinham ainda 16 anos de idade e 5.406 regulavam entre os 16 e os 19 anos.

Dedicam-se a estas práticas médicas sem escrúpulos, que se estão a enriquecer à custa da miséria alheia. Há cirurgiões que chegam a fazer 10 e até mesmo 20 por dia, amalhando no fim do dia, qualquer coisa como 200 libras. Mas os intermediários ainda lucram mais e, segundo se afirma, até os condutores de táxis, que transportam essas infelizes para clínicas escolhidas, têm a sua parte no bode.

Outro ponto importante a considerar neste caso é que, contrariamente ao que esperavam os defensores da lei, os pedidos não vêm só de mulheres casadas, já com outros filhos, mas sobretudo de mulheres solteiras.

As estatísticas provam ainda, que não se conseguiu o objectivo que a lei tinha em vista, isto é, diminuir a mortalidade, em consequência dos abortos clandestinos. De facto, a taxa de mortalidade, neste sector, aumentou em vez de diminuir, desde a publicação da lei.

Nesta magna questão, há três correntes de opinião:

— os que entendem que nunca se deve eliminar uma vida inocente e que o feto deve ser protegido desde a concepção;

— os que são de opinião que

compete exclusivamente à mãe decidir se deve ter ou não um filho;

— os que discordam destas teologias, entendendo que o aborto pode ser necessário em certos casos, mas que não se deve praticar o aborto numa mulher, só porque ela o deseja.

É claro que defendemos o primeiro ponto de vista, não só por motivos de ordem social. O respeito pela vida humana é um pré-requisito fundamental numa sociedade civilizada e a lei deve ser particularmente escrupulosa na salvaguarda de uma vida humana indefesa, como é o caso da criança ainda não nascida. A falta de respeito por estes princípios conduz inevitavelmente a outras práticas imorais, como é a eutanásia, quer voluntária, quer obrigatória.

Se a lei não puder ser revogada, o que seria o ideal, que ao menos seja profundamente modificada, de forma a que se acabe com esta vergonha para o país.

## • *Razões como a cara de quem os inventou!*

Entre os vários argumentos aduzidos na defesa da monstruosidade, figurou este: cada ano, na Inglaterra, praticam-se ilegalmente cerca de 100.000 abortos. Sendo assim, acrescentam, para que criar complicações? Levantam-se as san-

ções da lei e já não há crime!

—É como quem raciocinasse: praticam-se 100.000 roubos? Acaba-se com a proibição do furto e os srs. ladrões passam a ser todos muito honrados! Dão-se, por ano 100.000 caceladas na cabeça do próximo: risque-se a lei que proíbe de espancar e está tudo moralizado.

Incrível amigos ingleses!

Nem se diga como fez o Ministro do Interior, que mais vale que os abortos sejam feitos por médicos e com os devidos cuidados do que clandestinamente, por terceiros e outras pessoas sem a devida preparação técnica.

As consequências da admissão de tal princípio não podem deixar de ser as mais funestas. Se se admite com tanta facilidade o aborto, porque é que se há-de condenar o infanticídio, em especial das crianças deformadas, ou que sejam carga incomportável para os pais? E daí, pois a força dos argumentos é a mesma, porque não se chegará à supressão dos doentes incuráveis, dos loucos, dos inválidos e dos velhos, que constituem peso para a família ou para a sociedade, como se fez na Alemanha nazi? Quando se cede nos pontos fundamentais, a lógica leva irremediavelmente às mais desastrosas consequências... É questão de tempo e de propaganda.

## LOUCURA

*Estava feliz meu coração  
Já cantava, não sofria  
Dessa tua sujeição  
Aos poucos ele fugia.*

*Já meus olhos não choravam  
Já a felicidade me sorria  
Mas os tormentos voltaram  
Ao ver-te naquele dia.*

*Logo meu louco peito  
Estremeceu de emoção  
Para a seguir ficar desfeito*

*Para quê meu coração  
Voltas a estar sujeito  
Se já tinhas libertação?*

## A SAUDADE

*Saudade, palavra triste  
Que a vida me ensinou  
Saudade d'alguém que existe  
Que partiu mas não voltou.*

*Tentei a saudade enganar  
Mas fui eu o enganado  
Hoje sei; não posso olvidar  
Quem me traz amargurado*

*Por mais que alguém tente  
Ninguém consegue escapar  
Da saudade do amor ausente  
Que por certo o faz chorar*

JORGE ALEXANDRE — Furriel Miliciano

# PÁGINA LITERÁRIA

## AS GRANDES FIGURAS DA POESIA EM PORTUGAL

### MIGUEL TRIGUEIROS



Príncipe dos Poetas, três vezes proclamado, Miguel Trigueiros surgiu no meio literário como um Apóstolo da Poesia. A vida e a morte, Deus e os homens, as flores da alma e a alma das flores, o tempo e a eternidade, as crianças e os velhinhos, os moribundos e os leprosos, os mendigos e os operários, tudo se condensa naquela alma de legionário que serve a Civilização com o seu puríssimo pensamento e sentimento de poeta.

Só aos quarenta e cinco anos, apesar da sua profunda fé religiosa e fidelidade à Igreja, é que descobre Cristo. A visão desse maravilhoso descobrimento reflete-se nos seus versos. Não escapou ao tremendo equívoco, aliás partilhado pela imensa maioria dos Católicos Portugueses de confundir vida religiosa com vivência cristã, culto de piedade com cultura de Amor. A consciência e o sentimento de tão grave desvio levou-o a uma auto-crítica pública e voluntária, honesta e despretenciosa e terá apenas o mérito da sinceridade que a ditou.

«Fui, até há pouco — confessa Miguel Trigueiros — um cristão fugido da cruz. Um cristão que, paradoxalmente, se recusou a aceitar e respeitar a imagem de Deus nos outros seres humanos. Um cristão plerótico de fé e de esperança, mas de pouca e estável caridade. Um cristão rico de amor próprio mas pobre de amor do próximo. Um cristão que se apoderou do Cristo nos sacramentos, mas o desligou dos braços da cruz em que ele redimiu todos os homens, usufruindo, egoisticamente como um benefício individual que lhe era devido. Um cristão exclusivista e localista, não um cristão universalista. Em síntese, dura mas exacta: um cristão que mutilou Cristo. Esta confissão podia ser feita por cada um de nós que ainda não descobrimos Cristo. Discutimo-lo mais do que o seguimos. O que Miguel Triguei-

ros, antes de mais, deseja testemunhar, é que o cristianismo é, acima de tudo, comunhão — não só a dos altares, mas comunhão vivente, actuante e constante, com a humanidade sofredora; e que sem partilha ou comunicação de bens, espirituais e materiais, com aqueles a que chamamos Outros, a religião e a moral a que damos o nome de cristãos estão frágicamente esvaziados do conteúdo da Redenção — ignoram o Cristo Ressuscitado e passeiam o Cristo morto.

A vida para ele é um testemunho de arte, como a arte, em toda a interioridade e projecção da sua vivência, é uma forma de vida. Por isso é que, através dos seus escritos, deixa adivinhar a transparência dos puros, a audácia dos fortes e a coerência dos convictos.

**«Todo o ser em mim  
É uma afirmativa  
Sei para o que vim  
Minha vida é viva  
Para dizer sim»**

Neste simples verso descobre-se mais do que um poeta, o Homem Integral; mais do que uma poesia, o autêntico humanismo: a mensagem feita em versos.

Versos que foram vividos antes de serem escritos e que foram sofridos antes de serem vividos. Mais uma vez se verifica e de forma eloquente que os motivos cristãos longe de prejudicarem a arte a iluminam e immortalizam. «Só os versos feitos de alma trazem notícias de Deus. «As suas poesias são gritos da alma que mais parecem voos duma prece a ressoarem Fé e Esperança qual sinfonia de uma vontade em acção de graças.

Teve, e, como quase todos os jovens, uma infância cheia de intimas frustrações e uma juventude rebelde e inquieta que o levou ao egocentrismo e a uma auto-suficiência desumanizante que o tor-

nou intolerante, frio e alheio frente às fraquezas, aos dramas e aos problemas pungentes dos outros homens. Diga-se, entretanto, que pagou caro o preço deste absurdo. «Negando-me, confessa ele, quase sempre ao diálogo e à compreensão, devolveram-me, pelas vias mais diversas, a incompreensão e o silêncio que eu próprio lhes oferecera». Foi junto do grande público a quem se entregava totalmente em espírito de comunhão que encontrou a dimensão social a mais difícil, porventura, de encontrar. É o que podemos verificar numa das suas confissões. «Restituído agora, por uma soma de circunstâncias providenciais, à visão cristã comunitária da humanidade e do mundo, pareceu-me não dever calar nem esconder um exame de consciência que, na sua verdade e simplicidade, pode conter, ao menos, a utilidade do exemplo. É que, afundados na rotina das ideias feitas e os hábitos deformados e deformadores, muitos de entre nós, não nos damos conta, do apelo permanente que nos chama à comunhão de vida, amor e responsabilidade, com todas as criaturas. Esquecemos que, dentro do meio em que vivemos, somos determinados e determinantes, agidos e agentes, comungantes e contagiados, prisioneiros e livres. As mesmas realidades nos vinculam ao universo dos Outros. Partilhamos com eles uma atmosfera comum, onde sentimos o tríplice fenómeno de dependência, da interdependência e da liberdade. Apesar de sujeitos ao condicionalismo da vida, podemos auto-dirigir-nos no sentido e no momento em que o desejamos, aptos, portanto, a escolher caminhos dentro do caminho. Mas escolher é tomar algo a seu cargo. Escolher é assumir uma responsabilidade que está implícita na liberdade da escolha. Os três lados do triângulo da nossa glória e da nossa tragédia — liberdade, comunidade e responsabilidade —

dependem da posição que tomarmos diante de tais valores.

Integrado no movimento da nova poesia a sua mensagem é de revolução no meio dos escândalos dos nossos dias. Poesia da vontade a clamar bem alto pelos seus deveres, em vez de limitar-se à poesia dos sentimentos, implorando apenas pelos seus direitos. Poesia realista, por penetrar a forma interior das coisas, poesia de profunda comunhão interior que sabe descobrir a voz íntima das coisas.

Assim — As crianças são para ele, o sorriso avançado que faz do Outono uma nova Primavera

**«Silêncio! não vês? Repara:  
A manhã fez-se mais clara.**

São o resumo do Universo:

**«Silêncio! Todo o Universo  
Está ali dentro dum berço**

São a Revelação de Deus

**«Além! não vês que dorme uma  
criança?  
Silêncio! É Deus que descansa.**

Na sua poesia não esqueceu os pobres que via cruzarem-se a toda a hora, de porta em porta, à procura das migalhas que caem da mesa dos ricos. E, finalmente, com a vida amarga de amargura sem remédio, amaldiçoam o dia em que nasceram.

**«E geme dentro duma palhota  
Ruída pelas Invernias  
Lá dentro paira um hábito de febre  
Debaixo das palhas frias.**

(Continua na página seis)

# O General Kaulza de Arriaga

## é o novo Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique

PERFIL BIOGRÁFICO DO GENERAL

O general Kauza de Arriaga, nasceu no Porto, em 18 de Janeiro de 1915. Frequentou a Universidade da sua cidade natal, a Academia Militar Portuguesa e o Instituto de Altos estudos militares portugueses, tendo-se diplomado nos seguintes cursos: curso do Estado Maior e dos Altos Comandos e Engenharia civil e militar.

Dos mais jovens Generais do Exército Português, é considerado uma autoridade no campo da Estratégia, a que imprimiu acentuado desenvolvimento e actualização em face das novas técnicas de guerra subversiva, que virá a revelar-se extremamente útil para a condução da guerra em África e obtenção da vitória final.

A sua mensagem à chegada a Moçambique é bem ilu-

cidativa para todos quantos lutam por um Portugal maior.

«Ao regressar a Moçambique para assumir o posto de comandante-chefe das forças armadas, sinto a grande responsabilidade que sobre mim vai recair na condução de uma guerra difícil e na qual um sucesso, em termos de contra-subversão e em prazo limitado, parece de importância maior para o País.

Mas igualmente sinto — melhor, sei — da possibilidade de tal sucesso desde que se verifiquem certos condicionamentos de ordem orgânica, administrativa, logística e operacional, tendentes ao aumento da rentabilidade do sistema defensivo Moçambicano. E sucede que as conversações, que nestes últimos

dias tive com o Governo e as Autoridades militares, conduziram à adopção de um conjunto de medidas em verdade válido, permissivo do estabelecimento dos referidos condicionamentos, e, conseqüentemente produtor de um aumento progressivo da rentabilidade da contra-subversão, no seu triplo aspecto:

a) Da promoção educacional e social dos sectores populacionais menos evoluídos.

b) Da comunicação da verdade aos elementos hesitantes ou subvertidos da população e da sua libertação de pressões psicológicas e físicas estrangeiras.

c) Da destruição dos elementos inimigos que, teimando louca e fanáticamente em nos hostilizar, deixam de usufruir o perdão que sem-

pre concedemos a quem reconsidera.

Assim, tudo conduz à convicção objectiva de que, com a cooperação oportuna e efectiva do Governo-Geral e das outras autoridades administrativas Provinciais e com o apoio prestante da grande maioria da População de Moçambique, as Forças Armadas, revigoradas na sua fé e na certeza da justiça e razão da luta que travam, melhorados no seu bem estar e na sua eficiência, conseguirão, em tempo útil, o êxito.

Um êxito que, se é vital para Moçambique e para toda a Nação Portuguesa é da máxima importância para a África Austral, tem projecção extremamente benéfica no Ocidente e no próprio Mundo.

## As grandes figuras da poesia em Portugal

### MIGUEL TRIGUEIROS

(Continuação da página cinco)

E o vento em Orquestra dá finos  
[soluços

Compõe a sinfonia da Fome e da  
[Dor

Enquanto passeiam as sombras de  
[bruços

Nos fundos abismos da Noite em  
[redor

Pelas frinchas das paredes

Serpenteiam fios de água

A água não mata a sede

Quando ela é feita de mágoa.

A classe operária também não  
foi esquecida. Traduz em verso a  
sua condição incerta. Até agora  
vivem num céu sem estrelas. As

suas vozes não tinham resposta.  
Mas esperemos que a Acção Na-  
cional Popular nos oriente definiti-  
vamente para o Progresso que é  
a condição essencial para a felici-  
dade dos Povos.

«Nos olhos cansados do trabalha-  
[dor

Afogaram as lágrimas a côr  
E saltam do negrume, lá do fundo  
Relâmpagos de dor

Passos incertos que não deixam  
[rastros

Uma encosta a subir; e além da  
[encosta

Um céu onde não brilha a luz dos  
[astros.



FOI ELEITA «MISS PORTUGAL 1970» ANA MARIA LUCAS, DE 20 ANOS — MODELO PROFISSIONAL



## O Senhor Engenheiro Arantes e Oliveira

### é o novo Governador Geral de Moçambique

Pelo Alferes Miliciano  
José Maria G. Pereira

Nenhum Português desconhece um homem que, ao longo de toda a sua vida, nada mais fez do que servir a causa nacional aos mais diversos níveis. Um homem que durante 13 anos dirigiu a pasta das Obras Públicas, e, assim, algumas das mais extraordinárias realizações do País, naquele sector, como o Plano de Rega do Alentejo, a Ponte Salazar e planificação da rede rodoviária do continente, foram assinadas pelo seu nome.

Pelos dotes da sua inteligência e pelo que realizou como Ministro das Obras Públicas, o povo da Província de Moçambique tem os olhos postos no seu novo Governador. É o homem em quem todos depositamos a nossa esperança.

«A sensação dominante no meu espírito é de que são devidas todas as homenagens à acção dos meus antecessores. Referindo-me em especial àquele de quem directamente recebi o encargo do Governo de Moçambique, direi que sinto a maior admiração e o maior apreço pela acção do Sr. Rebelo de Sousa e que darei o que puder por não deixar perder o impulso que ele soube dar à vida e ao desenvolvimento de Moçambique».

São estas as palavras que resumem com inteira propriedade, o programa do Governador-Geral para o Governo da Província do Indico. Escolher do passado o que se afigura útil à concretização do progresso, alimentar e desenvolver o que dele vem e nele produziu frutos, mas sempre no presente a criar e a realizar com vista ao futuro, eis a lei em que Moçambique vai viver e que é, aliás, a lei em que todo o Português vive, na própria expressão do Sr. Marcelo Caetano, quando preconizou para ao País uma solução der evolução na continuidade.

Hoje, todos os olhos se dirigem para Cabora-Bassa. Justifica-se pelo que a obra é em si e por si. Estará a produzir em pleno Março de 1975. Será então a maior barragem da África, quer na sua expressão física, quer na sua capacidade de produção. Como realidade que já é, será o verdadeiro «ex-libris» do génio português. Arrostando

com as dificuldades — como o facto de ser construída num dos maiores rios do mundo, a difícil traça do terreno na região onde se ergue e o seu afastamento dos principais centros de desenvolvimento — Cabora-Bassa será um elemento de fundamental importância para a Província e países vizinhos.

Mas Moçambique não é só Cabora-Bassa.

Na sua entrevista ao jornalista — Freitas e Silva — o Governador-Geral recordou um aviso do Dr. Rebelo de Sousa — que fez também seu — «O Norte chama por nós».

É um facto — confirma o Eng.<sup>o</sup> Arantes e Oliveira — que Moçambique apresenta um desenvolvimento por zonas, em escala decrescente, que começa no Sul até ao Norte, onde os Distritos do Niassa e Cabo Delgado formam uma faixa fronteiriça com os índices de menos desenvolvimento de toda a Província. O facto é indiscutível. Arranjar explicações para um passado que não interessa recordar é supérfluo, quando se trabalha com os olhos postos no futuro». A obra que se impõe é promover o desenvolvimento acelerado das zonas menos evoluídas e trabalhar no sentido de atingir um equilíbrio entre todas as zonas da Província, sem, contudo, retardar o desenvolvimento das mais evoluídas.

A certa altura da sua entrevista, o Eng.<sup>o</sup> Arantes e Oliveira com a sua fala serena e metódica de sempre, chama a nossa atenção para um dos problemas que considera prioritários — *O desenvolvimento das Populações rurais*.

Impõe-se provar — citando Salazar — depressa e em força e com a máxima eficiência, a promoção das populações rurais. As nossas tropas estão a realizar uma acção psicológica e social importantíssima para a sobrevivência de Moçambique como parcela integrante da Nação Portuguesa. Promovem e incrementam a assistência escolar, a assistência missionária, a assistência médico-sanitária, esta já com valiosíssima obra realizada, e procuram valorizar as populações, quantas vezes, sem meios para tanto. Mas toda esta obra ruirá se não for acompanhada de um franco desenvolvimento económico.

Do coração do Niassa dirigimos este apelo a V. Ex.<sup>a</sup>, que, queremos, não será esquecido. As vias de comunicação de todo o distrito do Niassa são intransitáveis, provocam atrasos inenunciáveis nas colunas de reabastecimentos às Unidades, e, além do desgaste das viaturas, põem-se em perigo vidas humanas, tão lastimoso é o estado das picadas.

«O Norte chama por nós»

«A salvação vem do Norte».

## Sim... Deus existe Pelo Soldado Desconhecido

Olha, Senhor

Eu nunca falei contigo;

Mas agora quero dizer-te

Tenho muito prazer em conhecer-te!

Disseram-me que não existias...

E eu, tão idiota, acreditei!

Mas esta noite,

Quando estava na trincheira, em que lutei,

Eis que uma bala ilumina a escuridão

E eu vi o teu céu

Só então reparei que me tinha enganado

Ao olhar com atenção

Para tudo quanto tu fizeste,

Porque, senão,

Eu próprio lhes teria dito que mentiam.

Oh! meu Deus, e se me desses um aperto  
(do mão)

Embora me exprima mal,

Sei que me compreendes

Como será possível que tenha vindo parar a  
(este inferno?)

Sem nunca ter visto a tua face?

Meu Deus, Amo-te!

Isto quero que o saibas

Ouves, Senhor? Vai ser tremenda a batalha

E quem sabe se eu mesmo

não irei bater-te à porta?

Apesar de até aqui não termos sido muito  
(amigos,

Espero que tu mesmo a vás abrir.

E pensando nisto ponho-me a chorar.

Eu a chorar... quem o diria?

Oh! como quisera ter-te conhecido antes!

Bem, até logo! Vê como o meu amor é forte

Agora, que te conheço, já não temo a morte.

(Esta poesia foi encontrada no bolso dum militar morto em África)